

POR UMA PEDAGOGIA DA NATUREZA

Tereza Perez



roda
educativa



“Um ativismo delicado não pode fazer no mundo algo que não faria a si mesmo; não pode esperar nada que não possa esperar de si próprio; ele jamais vai descobrir algo que não traga. Não há outro mundo além da delicada reciprocidade que surge de nossa relação inescapável com o mundo.”

Allan Kaplan e Sue Davidoff



Introdução

Provocada pela leitura do livro *Arrabalde – Em busca da Amazônia* de João Moreira Salles (2022), fui tomada por uma série de analogias entre o que acontece nas escolas e as reportagens sobre garimpo, disputas pela terra, os efeitos da Transamazônica, conflito de terras e visões da Floresta Amazônica, sua construção histórica e as pesquisas sobre sua diversidade.

O que me impactou profundamente foram os relatos sobre a floresta e os tratamentos dispensados a ela e a semelhança com a escola, meu campo de atuação profissional há 50 anos. Essas conexões me levaram a escrever um artigo denominado *Contra a monocultura na educação, a diversidade e a potência das escolas públicas*.¹

Àquela altura, eu já havia viajado bastante pelo Brasil e conhecido centenas de escolas, boa parte delas no Pará e no Maranhão, Estados que acompanham a história da Roda Educativa, instituição que dirijo desde o seu início.

Este texto é, portanto, fruto do entrelaçamento entre a minha trajetória como educadora e a observação das relações entre Educação e Natureza. Ele nasceu como produto final do curso *A Natureza que Somos: filosofia e práticas para uma atuação genuína no mundo* (Casa Tombada), que me ajudou a fundamentar e principalmente a vivenciar boa parte das conexões que faço aqui.

¹ <https://educacaointegral.org.br/reportagens/contra-monocultura-da-educacao-diversidade-e-potencia-das-escolas-publicas/> último acesso em 29/07/2026

Foi revisado em 2026 para ser compartilhado com os parceiros da rede Uma Concertação pela Amazônia.

O que proponho aqui é reconhecer a escola como um organismo vivo, tal qual a floresta, onde cada elemento tem seu valor e sua função na busca contínua de equilíbrio do todo — um convite a um novo olhar sobre as práticas educativas, inspirado pela interdependência, diversidade e sustentabilidade que a Natureza nos oferece cotidianamente.

“... é mais fácil destruir o que não se enxerga, a cegueira pode ser opção desejável. Ver tem uma dimensão ética. Não ver também tem. É uma escolha.”

João Moreira Salles



Crise climática e crise educacional

As monoculturas escolares e agrárias têm o mesmo princípio das fábricas: máquinas cujo controle de qualidade exige produtos idênticos. Essa visão mecanicista foi protagonizada no século XVII por René Descartes (1596-1650), considerado o fundador da filosofia moderna, brilhante matemático e cientista influente. Segundo Fritjof Capra, "Descartes baseou sua visão de Natureza na divisão fundamental entre dois domínios independentes e separados – o da mente e o da matéria. O universo material era uma máquina para ele, assim como os organismos vivos também eram máquinas, e podiam, em princípio, ser compreendidas completamente analisando-as em função de menores partes." (Capra e Luisi, 2014, p.32).

Essa concepção de mundo se expressa na supremacia do homem com sua visão fabril-antropocêntrica gerando inúmeros estragos ambientais feitos à Terra e de modo semelhante a visão fabril-adultocêntrica gera estragos educacionais na vida das pessoas. As crises climática e educacional proveem, portanto, da mesma concepção.

A crise educacional atinge escolas de forma desigual, depende de como está constituído cada ambiente escolar no que se refere ao grau de valorização e de respeito à diversidade que existe naquela comunidade escolar, à qualidade das interações, ao conhecimento compartilhado, à escuta sensível, ao diálogo entre os diferentes interesses e à clareza das intencionalidades e das regras que ocorrem no contexto escolar.

Muitas vezes nós, educadores, preocupados em identificar os conhecimentos aprendidos e não aprendidos, não conseguimos perceber o que está acontecendo com as pessoas que nos rodeiam, sejam crianças, adolescentes ou adultos. Ter consciência de que cada aula, cada encontro na escola, nos afeta e traz a possibilidade de transformação, seja para nos constituir em pessoas que desejam o bem viver, ou não. Compreender os saberes da mestra-Natureza significa interagir e reconhecer que é na interdependência e cooperação que construímos nossa identidade, nosso pertencimento ao mundo, transformamos e somos transformados. Analogamente à floresta, onde cada espécie encontra seu lugar na trama da vida, vamos tecendo nossa existência nos encontros escolares.



“Saber como cuidar constitui a aprendizagem fundamental da sobrevivência da espécie, porque cuidar não é uma opção: os seres humanos ou aprendem a cuidar ou perecem.”

Bernardo Toro



As Escolas

O território escolar ultrapassa a delimitação física, é o lugar onde tudo acontece, as disputas, as tensões, as potências e fraquezas, as cooperações, as belezas, a estabilidade e as instabilidades, lugar onde ocorre toda qualidade de manifestações. É nessa teia relacional de pessoas que interagem, do conhecimento que circula, dos saberes que se constroem, da escuta e da presença de cada um que influenciam diretamente a trajetória de outros. Esse território, para se tornar habitável, demanda cuidar do ar e da atmosfera relacional, da água e das emoções que fluem, da energia do entusiasmo expressa na vitalidade dos encontros, do alimento e do conteúdo que nutre o pertencimento, a ampliação de saberes e a consciência crítica. Uma escola habitável vive um equilíbrio educacional, em que o desejo de conhecer pulsa e os relacionamentos, mesmo em momentos de conflito, fluem de modo respeitoso.

Essa escola habitável está distante das inúmeras escolas que vivem a pressão por resultados na avaliação externa, microviolências cotidianas expressas por racismo e preconceitos de diferentes ordens, que desconsideram as trajetórias individuais e coletivas. Muitas vezes o que vemos é uma escola distante de uma gestão democrática, da escuta, adepta a um modelo adultocêntrico, que esquece sua razão de existir e prejudica a construção de um ambiente em que as/os estudantes possam vivenciar o conhecimento com sentido e construir aprendizagens significativas. Não é por acaso que os estudantes demonstram desinteresse e há piora crescente na convivência na escola. O fato é que a maioria das escolas faz uma busca incessante pela padronização

e pela homogeneização, ignorando a diversidade, as diferenças entre alunos/as, professores/as, gestores/as, desconsiderando contextos econômicos, socioculturais, étnicos, raciais, ambientais, regionais e emocionais. Ao mesmo tempo em que adota o discurso da equidade, ao ignorar a diversidade, promove cotidianamente a inequidade.

Como gerar oportunidades e condições para que a interdependência das pessoas possa ser percebida pelo cuidado, proteção, estudo, sentido, prazer e amorosidade no ambiente escolar?



Saber conjugar sentimentos, conhecimentos locais e ancestrais com os conhecimentos científicos de que dispomos certamente proporcionará maior conexão dos humanos com não-humanos.

As escolas como organizações humanas se estabelecem em função das condições e do repertório dos adultos que se responsabilizam pelos seus funcionamentos. Nosso repertório sobre educação escolar, professoras e professores, gestoras e gestores tem início no momento em que iniciamos nossa escolaridade e essa formação é feita por escolas que seguem o padrão fabril-adultocêntrica. Nossa tendência, portanto, é reproduzir essa matriz ao exercermos a profissão, de forma a manter uma escola homogeneizadora em que a expectativa, como nos diz Flávia Terigi, é que “todos os meninos e meninas precisam aprender os mesmos conteúdos, mais ou menos ao mesmo tempo” (Terigi, 2024, p.17). Uma escola que insiste em ensinar igualmente a todos os estudantes ao mesmo tempo sabe que não alcançará igualdade nas aprendizagens e que parte dos estudantes estará distante dos direitos de aprender. Esse fato, embora reconhecido, não provoca mudança na forma de ensino e culpabiliza esses alunos e alunas que não aprendem o esperado com a reprovação, o que na maioria das vezes também não gera aprendizagem.

Flavia Terigi estabeleceu os conceitos de monocronia e cronologia para analisar o que ocorre nas escolas. Monocronia pode ser definida como sequências rígidas de ensino que desconsideram os processos individuais de aprendizagem, tratam todas as pessoas como se fossem iguais e almejam que todos tenham aprendizagens equivalentes; cronologia nesse contexto diz respeito à rígida estruturação temporal do sistema escolar: anos, agrupamentos por idade, bimestres, trimestres, hora/aula. A grade curricular simboliza esses dois conceitos. A nomenclatura GRADE é perfeita. Não é possível sair pelas grades.

A crença na cronologia e na monocronia é a principal responsável por muitos dos não aprendizados, insucessos, violências, baixa autoestima e desestímulos diante dos conhecimentos.

A valorização da homogeneidade, da monocultura, é inversamente proporcional às pesquisas que demonstram a potência da diversidade, da heterogeneidade para aprendizagem, de modo análogo às pesquisas sobre a situação climática na Terra e a agro-floresta, a permacultura.

A heterogeneidade das aprendizagens presentes nas salas de aula é vista como problema quando poderiam ser celebradas como solução para o desenvolvimento integral. A máquina da educação escolar busca homogeneizar as aprendizagens por meio de um ensino único de modo semelhante ao que ocorre com o plantio em monoculturas.

A fragilidade das monoculturas

As monoculturas agrárias são ameaçadas por doenças causadas por fungos, quando esses encontram um ambiente desprotegido atacam e provocam a morte de plantações inteiras. Foi o que aconteceu na década de 1960 com as pimenteiras de Tomé-Açu; na década de 1980/90 a doença vassoura-de-bruxa acabou quase que totalmente com a produção cacaueteira no sul do estado da Bahia. O plantio em monoculturas demanda muitos incrementos agrícolas e modificações genéticas para que sobrevivam.

(SALLES, 2022, p. 299)



No livro *A Visão Sistêmica da Vida* os autores, Fritjof Capra e Pier Luigi Luisi (2014) destacam a metáfora da máquina na administração em organizações humanas que, tão presente na construção do pensamento ocidental, influenciou profundamente a forma como passamos a enxergar as organizações humanas. Com o avanço da Revolução Industrial, essa visão mecanicista foi incorporada às teorias de administração, moldando práticas de gestão baseadas na eficiência, na previsibilidade e no controle. De modo geral, as organizações passaram a ser estruturadas como sistemas compostos por partes conectadas por linhas rígidas de comando e comunicação. No livro, os autores citam Gareth Morgan, que observa que, com o tempo, *“as organizações que utilizam máquinas tornaram-se cada vez mais semelhantes com elas.”* (Morgan). Essa lógica mecanicista reduziu a complexidade humana a funções operacionais, deslocando a autonomia dos trabalhadores para os supervisores e impondo rotinas disciplinadoras. (Capra e Luisi, 2014, p.87)

A escola como organização humana também age sob o mesmo princípio mecanicista: reduziu a complexidade humana a funções operacionais, deslocando a autonomia dos professores para os especialistas, impondo plataformas digitais, rotinas disciplinadoras e burocracias sem sentido.

Refletir sobre a educação escolar mecanicista é essencial para compreendermos os desafios de humanizar as práticas organizacionais no presente e realizar uma verdadeira reviravolta nas escolas.



As escolas como organizações humanas autônomas poderiam seguir os princípios de funcionamento das florestas de autonomia e interdependência no território. Na perspectiva da fenomenologia goethiana, compreender a inteireza da escola, das pessoas que a constituem exige desenvolver nossas capacidades perceptivas e cognitivas para apreender a essência do que ocorre. A inteireza de cada pessoa e de cada escola demanda de nós percepção e conhecimento para que possamos preparar caminhos que favoreçam o desenvolvimento das inteirezas e contribuam para o momento atual de metamorfoses intensas e muitas vezes densas. Não atuar a favor da diversidade, da interdependência, dos vínculos e cuidados é permanecer com uma educação que enfraquece, que faz sofrer, que provoca a violência e fortalece o individualismo. A máquina de educar se afirma sob a máxima de favorecer a meritocracia como se todos tivessem tido as mesmas condições emocionais, físicas, cognitivas, culturais e econômicas para enfrentar os diferentes obstáculos provocados pelo modo de ensino e o sucesso de uns se desse apenas pelo esforço e mérito individual, quando na realidade são apenas sobreviventes ao motor da exclusão.

Ao considerar a Natureza como orientadora de um processo de transformação escolar, a inteireza de cada pessoa, a inteireza do território, podemos imaginar escolas que constroem um ecossistema didático-pedagógico potente, conectado com a Natureza, vivenciando uma construção coletiva e cuidadosa para que as vidas se desenvolvam organicamente em busca de equilíbrio.

Lições da Floresta

Sendo a Terra nossa grande casa e a Natureza nossa professora, que nos oferece, além dos meios de sobrevivência, inúmeras possibilidades de percepção, sentimento e compreensão, penso que podemos pedir emprestados saberes sobre a natureza da floresta para nos ajudar a compreender as escolas.

No capítulo, *Sete bois em linha*, do livro *Arrabalde*, João Moreira Salles elucida as sobreposições entre as questões econômicas, políticas e ambientais. Salles (112-122) menciona o botânico italiano Stefano Mancuso ao tratar de como a Floresta Amazônica opera por meio de complexas redes subterrâneas de cooperação, formadas por sistemas entre plantas e fungos, criando um sistema de comunicação sofisticado.

Essas redes funcionam como um sistema vascular da floresta, conectando não apenas árvores adultas de diferentes espécies, mas também incluindo mudas jovens que ainda não conseguem realizar fotossíntese de forma independente. Há cuidado intergeracional! Através destes filamentos, as plantas trocam recursos, compartilham informações sobre mudanças ambientais e até mesmo emitem alertas sobre ameaças, criando um sistema de comunicação.

O princípio da reciprocidade permeia todas as relações na floresta. As acácias, por exemplo, desenvolveram uma relação importante com as formigas: oferecem abrigo e néctar em troca de proteção contra herbívoros. Essa estratégia de defesa coletiva demonstra como a cooperação pode ser mais eficaz que mecanismos defensivos individuais.

A inteligência na floresta manifesta-se de forma distribuída e coletiva, contrariando a ideia de que apenas organismos individuais podem tomar decisões, e a de que vencem os mais fortes. As árvores demonstram capacidade de perceber alterações ambientais, como mudanças na intensidade luminosa causadas pelo corte de árvores vizinhas, e respondem ajustando seus padrões de crescimento. Esse funcionamento permite que a floresta se comporte tomando decisões coletivas que beneficiam o todo.

A eficiência ecológica emerge da cooperação, não da competição, como demonstra a pesquisadora Suzanne Simard no livro *A árvore-mãe: Em busca da sabedoria da floresta*. A floresta evita o desperdício energético de competições desnecessárias ao estabelecer especializações e complementariedades entre organismos.



A resiliência do ecossistema florestal deriva da sua interdependência. Quando perturbações como secas, incêndios ou outros distúrbios ameaçam partes da floresta, a rede de conexões permite respostas adaptativas coordenadas. A diversidade de espécies e a multiplicidade de conexões oferecem vários caminhos para soluções, tornando o sistema capaz de assimilar impactos e se regenerar de forma mais eficaz do que seria possível se cada organismo enfrentasse os desafios isoladamente.

Esses conhecimentos sobre a vida florestal revelam que a cooperação é uma estratégia fundamental que maximiza as possibilidades de sobrevivência e prosperidade de todo o sistema. A floresta ensina que a verdadeira força reside na capacidade de formar redes de apoio mútuo, nas quais diferentes organismos contribuem com suas especialidades para um bem comum que, por sua vez, sustenta e enriquece cada membro da comunidade.



Os conhecimentos sobre o nosso pertencimento à Natureza, a compreensão dos princípios da floresta e de nossa participação no território oferecem novas lentes para observar e analisar o que ocorre na maioria das escolas para pensá-las como um ecossistema colaborativo.

Stefano Mancuso tem uma hipótese forte para a nossa resistência em estudar a cooperação como propulsora do processo evolutivo:

“O antropocentrismo, ou, para ser magnânimo, o animalcentrismo que domina o mundo da ciência, é um problema sério. Um exemplo clássico dessa distorção animal é nossa visão do mundo

como um lugar onde conflitos e privações são forças básicas que dominam a evolução. Modelos matemáticos importantes, como o da competição interespecífica, são projetados para descrever uma relação semelhante à de um animal. Penso em Vito Volterra e Alfred Lotka, que desenvolveram em 1926 o modelo predador-presa, que se tornou a base da ecologia." Stefano Mancuso (Mancuso, 2021, apud Salles, 2022)

Tal como a preservação e conservação da biodiversidade é essencial para nossa existência, a preservação da escola e a valorização da sociodiversidade que nela existe é essencial para a construção de uma convivência com equilíbrio, saúde, resiliência e resistência. Alunos e alunas, professores e professoras, funcionários e funcionárias, diretores e diretoras, coordenadores e coordenadoras, trazem consigo universos, a própria história, seus segredos e desejos, experiências familiares, histórias ancestrais; culturas, informações e emoções diversas; conhecimentos e afetos singulares; seus corpos, suas cores, seus cabelos, suas roupas, suas percepções, todo esse vasto campo de subjetividade que empenham na sua própria compreensão de mundo.

A ação de cada um impacta o todo e o todo impacta cada um. Não atuar para gerar condições para que todas as pessoas tenham o direito de se desenvolver plenamente e esperar uma homogeneização de resultados de aprendizagem e comportamentos é ignorar a diversidade e a interdependência necessária para a busca de equidade e de igualdade de direitos no ambiente escolar.

A Natureza como orientadora da concepção de escola: estrutura, funcionamento e intencionalidade

O território escolar é espaço de produção de conhecimento, de estudo, de trocas materiais e simbólicas, e local de vivências de transformações contínuas. As escolas são organismos vivos, resultados de processos históricos, marcados por memórias e disputas, e sua função educativa só se realiza plenamente quando dialoga com a natureza das pessoas, com sua própria natureza eminentemente social e comunitária.

Estudantes, professores, funcionários, famílias e comunidade estão conectados por redes visíveis e invisíveis de troca, embora nem sempre as utilizem para o apoio mútuo. Quando isso acontece, as informações, conhecimentos e sentimentos circulam entre todas as pessoas, funcionam como nutrientes que fluem entre as pessoas, tal qual a floresta.

O universo escolar é composto por pessoas e cada uma traz consigo sua própria natureza que se manifesta de diferentes formas a depender do contexto. Podem se mostrar: extrovertidas, introvertidas, observadoras, analíticas, organizadas, desorganizadas, independentes, dependentes, conciliadoras, briguentas, responsáveis e irresponsáveis, gostam de ler, outras gostam mais de jogar, de estar arrumada, usar piercing, tatuagens, colares ... enfim há uma infinidade de movimentos, características que, quando

observadas, respeitadas, ou reorientadas possibilitam ir ao encontro de interações mais salutaras e estimulantes.

Pensar as escolas de modo similar à floresta é pensá-las como território sem competição predatória entre estudantes, e sim com especializações complementares onde cada um desenvolveria sua inteireza contribuindo para o bem coletivo. As diferentes disciplinas, professores e turmas funcionariam como espécies diversas em um ecossistema, cada uma com sua função específica, mas todas interconectadas e dependentes umas das outras para o florescimento do conjunto.

Os adultos e estudantes mais velhos cuidariam dos mais novos, compartilhando recursos e conhecimentos como as árvores adultas nutrem as mudas jovens. Os professores experientes sustentariam os iniciantes, criando uma rede de apoio onde ninguém fica isolado ou abandonado. Seria deixada de lado a expectativa de todos aprenderem as mesmas coisas ao mesmo tempo e as diversidades e adversidades seriam insumos para elaborar novas formas de ação. A escola se estenderia além de seus muros físicos, enraizando-se profundamente na comunidade, absorvendo e compartilhando saberes locais como uma floresta absorve e redistribui água e nutrientes.

As decisões seriam tomadas de forma colaborativa, considerando sempre o impacto no conjunto, e as escolas desenvolveriam uma inteligência coletiva capaz de se adaptar às mudanças e desafios com a mesma resiliência de uma floresta que se regenera após perturbações. Cada pessoa seria simultaneamente parte e todo, desenvolvendo autonomia através das interdependências, crescendo individualmente enquanto fortalece o sistema educativo como um superorganismo vivo e dinâmico.

Mudaríamos currículos, adequando tempos e espaços para manter o diálogo, a cooperação na diversidade, a interdependência das práticas

Como uma floresta que se fortalece com a diversidade de suas espécies, as escolas também ficam mais fortes quando acolhem e valorizam a diversidade educativa, mas, para isso, é preciso mudar a qualidade do quê, do como e do para que ensinar e conviver; e inovar no modo de como convivemos e nos relacionamos com o conhecimento. Como uma árvore que precisa de diferentes nutrientes para crescer saudável, as escolas precisam se nutrir com diferentes fontes, abordagens variadas para que todas as pessoas usufruam das oportunidades, dos nutrientes oferecidos pelo território.

A ruptura com a educação fabril por meio da quebra das grades curriculares poderia ser o início de uma grande mudança no universo escolar. Poderíamos adequar a cronologia marcada pela idade/ano e constituir grupos variados e flexíveis entre estudantes de diferentes idades, propor momentos e espaços diversificados que podem ser alterados em função das aprendizagens e interesses. Tornar, assim, a aprendizagem uma cadência natural da vida.

A educação indígena é fonte de inspiração para repensarmos a educação escolar. Não é fácil, nem simples fazer uma escola segundo esses princípios, mas certamente brotariam novas raízes, árvores, flores e frutos.

Compreender a diversidade como força transformadora é imaginar escolas que funcionem como agroflorestas educativas: espaços onde diferentes formas de ser e saber convivem e se fortalecem mutuamente, onde a rigidez dá lugar à flexibilidade.

Pensar a estrutura e funcionamento das escolas segundo os saberes da Natureza, da floresta, é buscar nos entendermos como parte de um todo e ao mesmo tempo um ser íntegro, um microcosmo da Natureza, que necessita viver de modo orgânico, seja no campo, na floresta, ou na cidade.

As escolas podem contribuir muitíssimo para a conexão com a Natureza.



REFERÊNCIAS

Livros e Publicações

ALLAN, Kaplan; DAVIDOFF, Sue. **Ativismo Delicado**: Uma abordagem radical para mudanças. São Paulo: Bambual, 2024.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier L. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2014.

CARDOZO, M. **Poesia e natureza**. São Paulo: Editora Verde, 2018.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. São Paulo: Editora Filosófica, 2020.

LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MENDONÇA, Rita. **Conservar e criar**: natureza, cultura e complexidade. São Paulo: SENAC, 2005.

MENDONÇA, Rita. **Meio ambiente e natureza**. São Paulo: SENAC, 2012.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. **A natureza como educadora**: transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extraclasse. São Paulo: São Paulo, 2013.

SALLES, João Moreira. **Arrabalde**: em busca da Amazônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TORO, Bernardo. **O cuidado**: o paradigma ético da nova civilização. São Paulo: Faculdade SESI, 2009.

Relatórios e Documentos Institucionais

FUNDO BRASIL DE DIREITOS HUMANOS. **Preservação da Amazônia**: relatório 2023. São Paulo: FBDH, 2023.

Fontes Eletrônicas e Documentos Online

AGÊNCIA FAPESP. **Pesquisa revela densidade populacional pré-colombiana na Amazônia**. 2019. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/a-amazonia-foi-densamente-povoada-no-passado-e-a-acao-humana-moldou-a-floresta-existente-hoje/39387>. Acesso em: 03/07/2025.

BBC NEWS BRASIL. **Terra preta da Amazônia: o solo criado pelos indígenas.** 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c51z1ww9p5xo>. Acesso em: 03/05/2025

BIOLOGIA NET. **Biodiversidade amazônica.** 2025. Disponível em: <https://www.biologianet.com/biodiversidade/amazonia.htm>. Acesso em: 03/07/2025

GREENPEACE BRASIL. **Amazônia: biodiversidade e sustentabilidade.** 2024. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/protegendo-o-desconhecido/>. Acesso em: 03/07/2025.

MONGABAY BRASIL. **Manejo florestal indígena na Amazônia.** 2024. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2023/05/como-terras-indigenas-na-amazonia-podem-absorver-a-fumaca-dos-incendios-e-prevenir-doencas/>. Acesso em: 03/07/2025.

PEREZ, Tereza. **Contra a monocultura na educação.** 2024. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/contra-monocultura-da-educacao-diversidade-e-potencia-das-escolas-publicas/>. Acesso em: 03/07/2025.

PORTAL GOV.BR/ICMBIO. **Diversidade amazônica.** 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/centros-de-pesquisa/biodiversidade-amazonica>. Acesso em: 03/07/2025.

TORO, Bernardo. **O cuidado: paradigma ético da nova civilização.** 2015. Disponível em: <https://www.faculdadesesi.edu.br/noticias/o-cuidado-o-paradigma-etico-da-nova-civilizacao/>. Acesso em: 03/07/2025.

Nota sobre Uso de Inteligência Artificial

Neste trabalho foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial (Claude, ChatGPT e Perplexity) como recursos auxiliares para pesquisa, redução de texto e formatação de referências bibliográficas.



Autoria: Tereza Perez

Revisão: Carolina Glycerio

Projeto gráfico e diagramação:
Renata Fagundes

2026